
Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Gina Kolata | Imagem: [TV Cuny](#)

Ciência *versus* pandemia

Resenha de *Gripe: a história da pandemia de 1918*, de Gina Kolata

Recebido em 29/06/2025 e publicado em 20/07/2026

Matheus Honorato da Silva Santos (UFS)

Resumo: *Gripe: a história da pandemia de 1918*, de Gina Kolata, objetiva investigar os avanços científicos concernentes ao vírus causador de uma pandemia gripal. O título é insuficiente para abranger as questões abordadas e há dados sem indicação de fonte, mas a linguagem é acessível, há problematização de fontes e cautela no uso da nomenclatura gripe espanhola.

Palavras-chave: ciência; gripe espanhola; pandemia gripal; vírus.

Gripe: a história da pandemia de 1918, é um livro tese editado no Brasil em 2002, de autoria de Gina Kolata, que objetivou investigar os avanços mais relevantes nas pesquisas científicas relacionadas ao vírus da enfermidade infectocontagiosa alcunhada de gripe espanhola, causadora de uma das mais letais pandemias históricas, em 1918.



O livro problematiza as tentativas de identificação do vírus responsável pela moléstia, empreendidas desde a irrupção da doença até a ocasião da produção da obra, em fins da década de 1990. Gina Kolata é jornalista do *The New York Times*, possui pós-graduação em biologia molecular pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts e mestrado em Matemática pela Universidade de Maryland. Escreveu obras como *Clone: os caminhos para Dolly* e *Gripe: a história da pandemia de 1918*, além de ser coautora de *Sex in America: a definitive survey*, este último ainda não editado no Brasil.

A obra é dividida em dez capítulos. Nos dois primeiros, a autora descreve a gripe de 1918 relacionando-a com a Primeira Guerra Mundial, e pontua o que havia em comum entre outras pandemias históricas – como a Peste de Atenas, no século V a.C., e a Peste Negra, no século XIV d.C. – e a pandemia gripal focalizada. As patologias infecciosas sempre evidenciaram a vulnerabilidade das populações, e, no caso da gripe de 1918, a doença se disseminou irrefreavelmente durante a guerra, mostrando-se capaz de sobrecarregar hospitais e devastar acampamentos militares. Para agravar a situação, a pandemia aconteceu quando os cientistas ainda não sabiam como isolar um vírus gripal e desvendar a sua configuração genética.

O terceiro e quarto capítulos reconstituem os experimentos realizados até a década de 1950, os quais pretenderam mapear o vírus de 1918 e deslindar sua transmissibilidade. As experiências resultaram em insucessos em relação à etiologia da pandemia. Os recursos disponíveis na virada do século XIX para o XX eram limitados e entravavam as pesquisas acerca dos vírus, sem contar que os cientistas de 1918 nem sequer sabiam que a causa da pandemia era um agente viral. Apesar do progresso da biologia molecular, as primeiras tentativas de dilucidar a transmissão da gripe e recuperar o seu agente a partir de células preservadas malograram. Não obstante os fracassos, os virologistas conseguiram compreender as mutações genéticas dos vírus e desenvolver vacinas.

O quinto e sexto capítulos se voltam às experiências por meio das quais os patologistas tentaram descobrir as semelhanças entre a gripe suína e a humana. Tais pesquisas contribuíram para a criação de uma vacina contra a gripe suína, a qual gerou críticas quanto à sua possível ineficácia em relação a cepas distintas da doença, e aos riscos de o imunizante ocasionar efeitos colaterais imprevisíveis. Em 1976, quando um dispendioso programa de imunização foi iniciado nos Estados Unidos para evitar uma pandemia de gripe suína prevista por virologistas, a iniciativa se revelou um fracasso, porque a pandemia não aconteceu, e milhares de imunizados registraram queixas de que haviam contraído um distúrbio neurológico. O caso levou os cientistas a assumir uma postura mais cautelosa quanto às previsões de novas pandemias.

Os três capítulos seguintes tornam a abordar a pandemia de 1918, analisando as pesquisas realizadas nos anos 1990 para decifrar aquele vírus. As experiências colocadas em prática geraram disputas pelo pioneirismo no sequenciamento do agente viral, fomentando discussões a respeito das implicações éticas, haja vista o perigo de liberar outra vez um vírus altamente letal. As tentativas contribuíram para os estudos sobre a pandemia, logrando o sequenciamento do vírus.

O último capítulo demonstra que persistiam, na virada do milênio, mistérios e hipóteses em torno da doença. As principais questões não respondidas se referiam à origem do vírus e à faixa etária

mais propensa ao contágio. Não havia uma procedência óbvia dessa cepa letal, e a enfermidade matava, preferencialmente, pessoas entre vinte e quarenta anos, o que contrariava o padrão de óbitos gripais. Uma hipótese sugere que uma cepa menos perigosa teria circulado antes de sofrer mutações e acarretar a pandemia. Diante disso, é ressaltado ser típico da ciência gerar novas perguntas a cada nova descoberta.

Na única resenha que encontramos sobre a obra em revistas brasileiras, nos deparamos com a declaração de Luiz Antonio Teixeira (2003, p. 762) de que a autora apresenta a pandemia de 1918 comparando-a com outras que devastaram populações desde tempos imemoriais. Discordamos da colocação, visto não ser o objetivo da jornalista comparar pandemias em um livro centrado na gripe de 1918, embora ela mencione outros cenários pandêmicos históricos nos capítulos iniciais, conforme apontamos anteriormente. Concordamos com o resenhista quanto à questão de o título da obra no Brasil sugerir se tratar de um relato que focaliza apenas os acontecimentos de 1918. Para Teixeira (2003, p. 757), o título original do livro – *Flu: the history of the great influenza pandemic of 1918 and the search for the virus that caused it* – revela mais que a versão traduzida.

Além dessa imprecisão, assinalamos o fato de o título ser parcialmente incondizente com o conteúdo, considerando que a discussão abarca outros tipos de gripe que provocaram emergências de saúde pública depois de 1918. Dois capítulos inteiros – o quinto e o sexto – apresentam uma abordagem sobre a gripe suína, que não contribui expressivamente para atingir o objetivo da escritora. Ademais, há informações sem indicação de fonte, a exemplo dos seguintes dados estatísticos: “Era 25 vezes mais mortal do que as gripes comuns. Essa gripe matou 2,5 por cento de suas vítimas” (p. 18) e “Na Inglaterra e no País de Gales, por exemplo, as mortes por tuberculose, enfermidade quase sempre letal, caíram 57 por cento na virada do século. A taxa de mortalidade por sarampo baixara 82 por cento” (p. 63).

Acerca das virtudes da obra, ressaltamos a linguagem acessível ao público leigo e a historiadores, aspecto que demonstra a preocupação da autora em se fazer entender por parte de leitores não familiarizados com um linguajar técnico. Salientamos, também, a análise crítica de fontes históricas, como a imprensa, relatórios de médicos e cientistas, e relatos memorialísticos. Pontuamos, ainda, a cautela da autora ao evitar reportar-se à doença usando a nomenclatura estigmatizante gripe espanhola, citando-a esporadicamente, como nas passagens: “[...] a doença passou a ser chamada de gripe espanhola, para consternação da Espanha” (p. 21) e “O *Journal of the American Medical Association* opinou que as autoridades médicas não deviam se alarmar com o nome popular da gripe, ‘a gripe espanhola’” (p. 31).

Em síntese, é possível afirmar que Kolata (2002) cumpriu o objetivo central de descrever e analisar os avanços científicos relativos ao agente etiológico da pandemia gripal de 1918. Destacamos a relevância do livro para o domínio da História das doenças. Embora a obra seja de autoria de uma jornalista, e não de uma historiadora, constitui uma referência indispensável para pesquisas respeitantes aos quadros pandêmicos, haja vista que o texto integra o referencial bibliográfico de autoras que problematizaram a gripe espanhola na historiografia brasileira, como Christiane Maria Cruz de Souza (2009) e Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling (2020).

Referências

KOLATA, Gina. *Gripe: a história da pandemia de 1918*. Tradução: Carlos Humberto Pimentel Duarte da Fonseca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. *A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Salvador: Edufba, 2009.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. Vírus, ciências e homens. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 757-764, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/tDGyths9tBbfcZqv4zvHVTj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 jun. 2026.

Sumário de *Gripe: a história da pandemia de 1918*

Prólogo

1. O ano da calamidade
2. Uma história de doença e morte
3. Dos marinheiros aos suínos
4. Um aventureiro sueco
5. A gripe suína
6. Um pesadelo jurídico
7. Os globos oculares de John Dalton
8. Um incidente em Hong Kong
9. Do Alasca à Noruega
10. Mistérios e hipóteses

Agradecimentos

Notas

Índice

Resenhista



Matheus Honorato da Silva Santos é mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PPGH-UFS) e graduado em Licenciatura em História pela UFS. É professor da Educação Básica em uma instituição de ensino da rede particular de Nossa Senhora do Socorro/SE e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Publicou, entre outros trabalhos, *A gripe espanhola em Aracaju: sociedade, imprensa e poder público no contexto de progressão da influenza (1918-1919)* e *“Influenzaphobia”*: medo e morte no contexto da gripe espanhola em Sergipe. ID Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/1780535348634458>; ID ORCID:

<https://orcid.org/0009-0008-0502-4518>; e-mail: matheushonorato777@hotmail.com.

Para citar esta resenha

SANTOS, Matheus Honorato da Silva. Ciência *versus* pandemia gripal. Resenha de: KOLATA, Gina. *Gripe: a história da pandemia de 1918*. Tradução: Carlos Humberto Pimentel Duarte da Fonseca. Rio de Janeiro: Record, 2002. *Crítica Historiográfica*, Natal, v. 6, n. 30, p. 11-15, jun. / jul., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).